

LÍNGUA INDÍGENA COMO LÍNGUA ADICIONAL EM ESCOLAS INDÍGENAS DO MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)
sgarbi@unigran.br

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca do conflito linguístico presente nas escolas indígenas do município de Dourados-MS. Esse município é a segunda maior cidade do Estado do Mato Grosso do Sul e possui cerca de 16.000 indígenas pertencentes às etnias Guarani/Kaiowá e Terena. Outra singularidade desse contexto está na disparidade entre as línguas faladas entre os indígenas, pois há monolíngues, tendo a língua indígena como língua materna; outros são monolíngues em língua portuguesa e há também os bilíngues que falam a língua portuguesa informal. A proximidade das aldeias com os centros urbanos tornou o bilinguismo uma necessidade para os povos indígenas desse contexto e, seguindo a linha histórica de colonização, as línguas indígenas foram silenciadas com a imposição da língua do dominante. Contudo, a escola, como representante do Estado, reflete as mesmas imposições, uma vez que a educação escolar desenvolvida nas escolas indígenas, pelo não cumprimento das prerrogativas legais que garantem uma educação escolar diferenciada, intercultural, bilíngue e de qualidade, corrobora para discursos estigmatizados de uma educação inferior. Nesse sentido, considerando sua configuração de lugar de encontro e reformulação dos saberes decorrentes de outras áreas do saber e pela possibilidade de articulação da ordem do linguístico com o sócio-ideológico, entendemos que os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, de linha francesa, mais especificamente de Pêcheux (1988), dialogam com essa discussão, uma vez que estudar discursos é antes de tudo estudar questões que não estão em terrenos tranquilos. Assim, serão mobilizados os conceitos sobre Contexto de Produção (CP), Formação discursiva (FD), Formação Imaginária (FI) e Posição de Sujeito (PS).

Palavras-chave:

Análise de Discurso. Língua nativa. Educação escolar nativa.